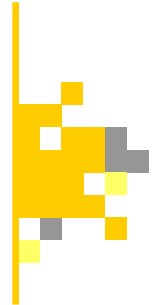


ENTREVISTA

Rula Shadeed¹

(Advogada, Mestre em Direitos Humanos;
Codiretora, Instituto Palestino de Diplomacia Pública)



Sobre a entrevistada

Rula Jamal Shadeed é advogada palestina, mestre em Direitos Humanos e Direito Internacional pela Uppsala University (Suécia) e em Direito Humanitário pela Geneva Academy of International Humanitarian Law and Human Rights (Suíça).

Atualmente é codiretora do Instituto Palestino de Diplomacia Pública (PIPD), sediado em Ramallah, Cisjordânia, no Estado da Palestina.

ORCID: 0009-0000-7988-7211

E-mail: rulashadid@thepipd.com

Apresentação

Esta entrevista faz parte de um projeto de pesquisa desenvolvido no âmbito do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Estudos sobre os Estados Unidos (INCT-INEU) e intitulado: “As disputas entre as grandes potências e a nova geopolítica no Grande Oriente Médio: redefinições no sistema de alianças regional”, com foco nas relações entre Palestina, EUA e os países dos BRICS, e coordenado pelo professor Reginaldo Nasser (PUC-SP).

A entrevista foi feita presencialmente em 27 de fevereiro de 2024, em São Paulo, no idioma inglês, e transcrita e traduzida por Beatriz Lupetti e Fernanda Frochtengarten, estudantes do curso de Relações Internacionais da PUC-SP e integrantes do Grupo de Estudos sobre Conflitos Internacionais (GECI) da mesma universidade.

A entrevista foi levemente editada para melhor compreensão do leitor e acrescentamos colchetes para sinalizar termos e expressões ocultos na fala.

1. Qual sua avaliação sobre a situação humanitária em Gaza desde o dia 07 de outubro de 2023, levando em consideração também a decisão da Corte Internacional de Justiça²? Haverá algum impacto no genocídio em curso perpetrado por Israel?

Rula Shadeed - Devido ao fato de Gaza estar sob bloqueio há 17 anos (e você provavelmente sabe o que isso significa), o Estado de Israel controla: que tipo de produtos entram e saem; que tipo de infraestrutura existe; como o sistema de água funciona; como o sistema de eletricidade funciona; como o sistema de internet funciona... então é uma região bem frágil e esse controle é bem intencional e sistemático.

Hoje aproximadamente 80% da infraestrutura de Gaza, assim como a habitação, muitos dos prédios oficiais do governo estão completamente ou parcialmente destruídos. Nós temos quase 2 milhões de pessoas que estão inteiramente deslocadas, em diferentes níveis. A maioria das pessoas agora estão concentradas na área de Rafah, onde [as forças armadas israelenses ou o governo israelense] pedem a eles para evacuar.

Tem muitos espaços e áreas em Gaza que têm sido mais visadas que outras, mas nós definitivamente podemos dizer que não tem nenhum espaço ou área segura em Gaza. Até mesmo os lugares para os quais os oficiais israelenses ou forças coloniais pedem aos

palestinos para se deslocarem não estão seguros de jeito nenhum.

Tem atualmente uma crise de fome acontecendo em Gaza. A quantidade de comida definitivamente não é suficiente. Antes de 7 de outubro havia aproximadamente 600 a 700 caminhões de ajuda que estavam entrando em Gaza diariamente. Muitos dias tem talvez 50 caminhões que entram, claro, desde começo do genocídio e dos ataques em Gaza, tem muitos dias nos quais nenhum caminhão é permitido entrar. Então essa é a situação atual.

Claro, infelizmente os palestinos mortos hoje estão em aproximadamente 30 mil de pessoas que foram assassinadas, 142 dias desde o dia 07/10.³ A maioria dessas pessoas são crianças e mulheres. Há mais de 13 mil crianças e mais de 8.700 mulheres que foram assassinadas, cerca de 1.200 idosos, 360 profissionais da saúde, 250 profissionais da educação e perto de 200 jornalistas que foram assassinados durante esses últimos meses.

O Programa Mundial de Alimentos das Nações Unidas cessou o envio da ajuda alimentar para o norte de Gaza recentemente porque eles julgarem ser inseguro enviar alimento para essa área e, sem nenhuma comida, muitos palestinos são forçados a comer alimentos de animais, como rações, e isso é realmente uma coisa que nós todos vemos documentados, em vídeos e imagens, porque é definitivamente algo extremamente

perigoso para as pessoas comerem, pelo amor de Deus. As crianças palestinas estão morrendo de fome e desnutrição e 90% das crianças com menos de 5 anos estão sendo afetadas por uma ou mais doenças infecciosas.

Então, a situação é extremamente desesperadora. Nós nunca vimos na história moderna uma situação que tem tido declarações urgentes de diferentes relatorias e experts da ONU descrevendo a situação em Gaza como algo que eles nunca viram antes. E isso diz muito por que eles operam em áreas de desastres, crises e situações complexas no mundo todo.

A situação é terrível também quando o assunto é instalações médicas. Tem cerca de 39 hospitais em Gaza e cerca de 29 desses estão totalmente destruídos agora ou sem funcionamento. Houve e ainda há ataques sistemáticos e intencionais aos hospitais. Hospitais estão sendo atacados enquanto há pacientes dentro. Além disso, a falta de medicações, de equipamentos, de funcionários, faz com que seja extremamente difícil salvar vidas. Então, nós não sabemos quantos das pessoas que foram mortas poderiam ter sido salvas se os hospitais fossem realmente operando como eles deveriam operar.

2. O discurso de Israel é de que eles bombardeiam Gaza para exterminar o Hamas, que os membros do Hamas se escondem em

hospitais e tudo mais. Mas, qual você diria que realmente é o objetivo de Israel em Gaza agora?

RS - Bom, um dos objetivos é realmente destruir Gaza e o povo de Gaza. Esse é um dos objetivos do governo de Israel, e especificamente de Netanyahu porque eles sabem muito, muito bem, que eles não podem fazer uma destruição do Hamas. O Hamas é uma ideologia política. É um movimento social com uma ideologia política que você não pode simplesmente matar ao matar pessoas. O movimento sionista é construído na Palestina há muitos, muitos anos em torno da segurança e da dissuasão.

Esses dois pilares, que são muito importantes para o estabelecimento do Estado de Israel, foram desestabilizados com o ataque de 7 de outubro. Então isso é uma coisa que eles têm construído nas últimas sete, oito décadas, e que é um processo muito, muito caro, que eles continuaram por todas essas décadas para provar que eles podem promover segurança aos colonos. E eles têm a política de dissuasão, que é o que tem sido o legado do exército israelense.

O que aconteceu na operação de 7 de outubro: ambos os pilares foram desestabilizados, os pilares não estão mais enraizados como eram e, portanto, uma das principais coisas que eles tentam fazer agora é matar a maior quantidade de palestinos possível. Esse é um dos objetivos, especificamente civis porque eles sabem que ao atacar civis, e ao atacar as famílias dos

combatentes [do Hamas], eles irão machucar eles profundamente e isso é exatamente o que eles estão tentando fazer.

Eles também estão tentando colocar Gaza em uma posição em que eles precisem levar cerca de 50 anos para voltar a alguma coisa parecida com o normal, se é que se pode dizer que Gaza já foi alguma vez normal. Nunca foi normal.

Então do jeito que eu vejo, diante da quantidade de ataques intencionais aos civis, é extremamente óbvio que esse é um dos objetivos. E nesse objetivo eu diria que eles foram bem-sucedidos. O objetivo é matar a maior quantidade de civis e isso é fácil para eles porque eles estão bombardeando, eles têm força aérea, eles estão bombardeando em todo lugar.

Isso também tem relação com a psicologia das pessoas, eles estão tentando matar seu espírito. Basicamente qualquer movimento social ou político ou um partido político não conseguiria ser bem-sucedido ou sobreviver sem uma rede de pessoas e suporte delas. Então, eu acredito que tem também uma punição coletiva contra palestinos que têm sido a rede de apoio social que tem cuidado dos combatentes dos movimentos de libertação da Palestina.

E tem definitivamente outro motivo, que é vingança, porque o governo israelense e os criminosos de guerra, basicamente, sabem que eles têm completa impunidade e, portanto, eles sabem que eles podem seguir fazendo o que estão

porque eles têm uma “luz verde”. E eu até diria que eles têm a instrução dos Estados Unidos de continuar o que eles estão fazendo, porque eles são seus maiores aliados. Sem os Estados Unidos e seu apoio incondicional, essa guerra nunca teria continuado. Essa é a guerra mais longa em que Israel já esteve engajado, mesmo em comparação com Beirute, no Líbano. Então esse é um momento muito, muito histórico que nós estamos presenciando atualmente.

3. Você vê alguma estratégia por parte dos Estados Unidos ou eles estão apenas apoiando Israel sem muitas condições? Há interesses dos Estados Unidos na Palestina em geral, ou esse apoio a Israel é algo particular do governo de Joe Biden, por exemplo?

RS - Não, não, não, definitivamente não é relacionado a um governo específico, é relacionado com... quero dizer, há muitos vínculos em relação à colonização, quem está apoiando a colonização e qual o tipo de interesse eles têm. Então definitivamente com base no que estamos vendo, quero dizer, essa é uma descrição mais complexa da comunidade sionista nos EUA, que é mais poderosa que o Estado. Nós sabemos que muitos sionistas estão muito engajados na política doméstica dos EUA. Também tem os interesses dos Estados Unidos na região do Oriente Médio, que é uma das mais importantes regiões no

mundo por causa da sua localização regional, por causa dos seus recursos e por muitas outras causas. Esse é o porquê de termos visto tantos interesses coloniais na região, seja dos franceses, ingleses, italianos, estadunidenses. E Israel definitivamente é um agente desses interesses coloniais, é uma criação do Ocidente. Israel é uma criação da Europa e uma criação dos Estados Unidos.

O movimento sionista fez acordos com o Ocidente depois da Segunda Guerra Mundial, e foi uma situação ganha-ganha para os sionistas, com a transferência dos crimes que aconteceram contra a população judaica, entre outros afetados, durante a Segunda Guerra Mundial, e as ambições do movimento sionista junto com as dos líderes que estavam controlando o Oriente Médio por meio da colonização, como os EUA, Grã-Bretanha e França. Houve um acordo entre esses poderes que se tornou um acordo político conforme eles viram seus interesses encaixados e, portanto, Israel se consolidou como um agente desse projeto, sendo esse um projeto colonial do Oeste na Palestina.

Nós não podemos dizer que a colonização na região se encerrou antes da liberação da Palestina porque, sim, nós vimos movimentos de libertação na região, no Oriente Médio e na África do Norte nos anos 1950, 1960 e 1970, mas não na Palestina. A Palestina foi ainda mais colonizada, a diferença é que teve uma mudança das pessoas

que estavam colonizando, passando [do controle] dos britânicos para a entidade sionista, supostamente administrada pelo povo judeu, o que é também muito incorreto porque os palestinos nunca tiveram de fato... quero dizer, a Palestina sempre foi, antes de 1948, um país de diferentes religiões. Nós tivemos judeus palestinos, palestinos cristãos, palestinos muçulmanos. Então, de novo, eu diria que os Estados Unidos têm um grande interesse na região por causa também da proximidade com a Síria, e a relação entre Síria e Rússia, a posição do Irã na região, Turquia e China... Essa região é muito atrativa e o interesse nela é muito, muito alto, por isso as grandes potências e as grandes economias competem por quem tem mais influência, controle e dominância da região.

4. É interessante você ter mencionado isso porque nesse momento alguns analistas internacionais estão apontando para um tipo de reordenamento hegemônico no Oriente Médio, em vista da presença da Rússia e da China, mais especificamente. E nós estávamos esperando um papel mais ativo da China sobre o que está acontecendo em Gaza. Qual seria o seu ponto de vista sobre o papel da China? Eu acredito que nós não precisamos falar muito sobre a Rússia porque eles estão concentrados na guerra da Ucrânia, mas da China nós estamos esperando algo

porque eles recentemente conseguiram mediar acordos de normalização das relações entre Irã e Arábia Saudita⁴. O que a China poderia fazer em relação a algum processo de paz entre Israel e Palestina?

RS - Não sou especialista em China, então não saberia dizer, mas... a China também tem um interesse extremo lá com sua rota da seda e as tensões intermitentes atuais entre os Estados Unidos e a China. Mas, sabemos definitivamente que a China teria tido um papel muito maior se tivesse cortado laços com Israel, ou pelo menos ameaçado cortar laços, congelado certas relações comerciais, convocado o embaixador israelense na China. A China não entrou realmente como um ator de destaque nessa questão, especialmente porque se trata de coisas que não estão em seu entorno imediato. Na minha opinião, ela optou por ser mais um ator de bastidores. No entanto, eu acho que se as coisas começassem — agora você viu que eles enviaram seus navios de guerra para o Mar Vermelho. Isso é um movimento muito grande da China porque eles temem que... porque está muito relacionado ao seu domínio [econômico], e eles não gostariam de, eu acho, agora que veem que há uma guerra contra o Irã por parte da Alemanha, do Reino Unido, dos Estados Unidos e da França — eu acho que eles não podem permitir que isso se escalone porque afetará seus próprios interesses. Então, foi um movimento muito interessante de se ver, e

também reflete a relação entre eles e seus aliados.

5. Você mencionou o Mar Vermelho, então, vimos os Houthis fazendo alguns movimentos interessantes. O que você diria sobre o movimento de Boicote, Desinvestimento e Sanções⁵? Porque não podemos esperar que os países façam grandes mudanças em relação às suas relações com Israel. Mas, o movimento BDS tem trabalhado tão duro, tentando engajar a sociedade civil para boicotar e desinvestir. Na verdade, as sanções são uma parte do que os países podem fazer, mas não temos visto eles trabalhando com isso. Então, o que você diria sobre o BDS? Qual é a importância desse movimento para a Palestina?

RS - Eu acho que o movimento BDS é muito importante. Ele mostrou muito sucesso, demonstrou muitos avanços em vários níveis, e eu só acho que é uma das ferramentas muito fortes. Portanto, é basicamente uma ferramenta que deveria ser usada em qualquer luta pela libertação. Assim, tem sido muito prejudicial em alguns espaços [coloniais]... porque, no final do dia, a economia é um dos pilares mais importantes de qualquer colonização, de qualquer guerra. Então, definitivamente, essa é uma abordagem ótima. E a maneira como está sendo combatida ao redor do mundo e sendo criminalizada em muitos países, ou tentando ser criminalizada, também

mostra quão eficaz tem sido.

6. Eu gostaria de saber mais sobre o trabalho que você tem feito aqui no Brasil, também com a sociedade civil. Você trabalha com *advocacy*, então por favor explique um pouco sobre o que você faz: como isso impacta a libertação da Palestina?

RS - Ainda não sabemos como isso impactará diretamente, mas estamos torcendo. Basicamente, após o dia 7 de outubro, nós decidimos que... bom, essa discussão tem sido contínua entre a sociedade palestina por um tempo, especificamente na organização para a qual eu trabalho, que é o Instituto Palestino para Diplomacia Pública. Nós decidimos que definitivamente precisamos nos afastar da minoria global e nos engajar com a maioria global, que também é chamada de Sul Global e Norte Global, mas que na verdade é a maioria global. É exatamente isso que estamos fazendo.

A maior parte do nosso trabalho tem sido com a Europa, por várias razões, mas principalmente por causa da proximidade, por causa dos laços e relações com Israel e por causa do sistema de doações. Agências europeias, Estados europeus têm agências de desenvolvimento por meio das quais fornecem ajuda, doações e fundos para sociedades ao redor do mundo, incluindo América Latina, Ásia e o

Oriente Médio. Essas são as três principais razões pelas quais trabalhamos muito com a Europa. A maior parte do trabalho das organizações da sociedade civil é com a Europa.

Contudo, após o dia 7 de outubro e a cumplicidade repugnante dos Estados e governos europeus com Israel (e até das pessoas eu diria), foi um passo muito claro para nós, que precisamos nos afastar, precisamos encontrar outros aliados, precisamos começar a nos engajar com pessoas com as quais realmente temos valores e interesses compartilhados. Portanto, essa é a decisão que tomamos na organização para a qual trabalho, que não é uma organização muito grande.

Na América do Sul, eu fui para o Chile, para a Colômbia e agora para o Brasil. Fui convidada por diferentes parlamentares para ir ao Chile, à Colômbia e ao Brasil também, e tive reuniões com diferentes grupos. Tive reuniões com parlamentares, autoridades, sindicatos, povos indígenas, jornalistas, a comunidade palestina nesses países. A ideia é tentar mapear e ver como está a situação, o que podemos fazer, como podemos introduzir a agenda palestina nesses países, especificamente nos países que são mais progressistas em relação à Palestina.

A maior parte do meu trabalho foi com países governados pela esquerda, porque eles também mostram uma agenda mais progressista em relação à Palestina. Então, é muito importante engajar em discussões contínuas, diálogo e

compartilhamento de informações, para que possamos garantir que os políticos, os tomadores de decisão, a opinião pública, todos conheçam a Palestina. Mas, isso não é de forma alguma suficiente e, infelizmente, também porque esses Estados têm laços muito fortes [com Israel], especificamente em comércio e acordos de tecnologia e armas. Portanto, há muito a ser feito nesses países, o que é muito interessante no sentido de que não preciso vir aqui e fazer lobby sobre a importância e o caso de justiça sobre a Palestina e as violações dos direitos humanos e ocupação. Claro, nem todos conhecem os detalhes, mas, de modo geral, há uma certa compreensão da situação e as pessoas percebem que a Palestina está, ocupada, está colonizada, e que essa situação está errada.

Mas, elas não percebem o quão conectadas estão com a situação na Palestina, o que torna isso extremamente interessante, porque não é uma mera situação de dever se importar porque compartilhamos valores. Não! Você está envolvido nisso porque seu dinheiro de impostos está sendo pago, seu país está apoiando e sendo apoiado por esse Estado colonizador, e você precisa parar isso.

Na Colômbia, por exemplo: eu descobri que 80% do carvão que vai para Israel vem da Colômbia e carvão é uma fonte de energia muito comum. Então, tendo 80% do carvão, imagine se o governo colombiano simplesmente ameaçasse e dissesse: "vamos congelar o transporte de carvão

para Israel". O que aconteceria então? Muitas de suas fábricas e empresas movidas por esse tipo de energia serão muito, muito afetadas. Sim, são possuídas por empresas privadas e o relacionamento é entre empresas privadas e o governo de Israel, mas ainda assim, quando se trata de uma situação de genocídio, o Estado deve ter uma maneira de afetar diferentes contratos.

No Brasil, há vários acordos de armas e acordos de tecnologia que são muito prejudiciais para seu próprio povo também, nas favelas, nas áreas dos marginalizados, nas áreas dos povos indígenas. A sua polícia é treinada pela polícia israelense, seu exército é treinado pelo exército israelense, você usa tecnologias que eles desenvolveram experimentando em nós, nos palestinos, e depois elas estão aqui, sendo usadas com uso excessivo da força contra seu próprio povo. Então, o que estamos tentando fazer também é unir lutas, o que é uma situação de ganha-ganha.

Na Colômbia, por exemplo, os povos indígenas estão sendo mortos pelos paramilitares. As pessoas estão sendo deslocadas de suas terras porque essas empresas querem expandir seu território. Centenas de pessoas tiveram que se deslocar, centenas de pessoas foram mortas no processo de estabelecer e expandir os negócios de diferentes empresas, como Glencore e outras na Colômbia e em outros lugares. Portanto, esse é um tópico muito conectado ao povo da Colômbia

também, que está sendo afetado e sendo alvo dessas empresas.

Então, quando dizemos que "essa empresa está ajudando e fazendo parte do genocídio em curso na Palestina e das violações em curso contra os palestinos, e também faz parte das violações em curso contra o povo da Colômbia e o povo do Brasil", você tem uma causa muito mais relacionável, que é mais fácil para as pessoas entenderem e quererem mudar.

7. Uma última pergunta é relacionada ao papel do Brasil, porque recentemente, você deve ter notado o fato de que o presidente Lula falou em Adis Abeba⁶ [capital da Etiópia] sobre a realidade do genocídio na Palestina e a comparação com o Holocausto, o que causou uma grande crise. Mas, essa declaração foi interpretada por alguns analistas como um grande movimento de Lula, uma posição mais forte em relação a Israel. Então, eu gostaria de saber sua opinião sobre a posição de Lula. Acho que vemos uma posição retórica, mas ainda não vimos uma posição material, como a quebra dos contratos militares, por exemplo.

RS - Eu acho muito interessante como Lula mudou e, pelo que sei, desde o início do genocídio ele foi crítico, mas ele disse coisas tão fortes quanto as que ele disse na Etiópia e aqui [no Brasil] também, apesar do fato de ter sido solicitado a se retratar.

Mas, sim, como você está dizendo, eu acho que é muito perigoso permanecer em um nível de declarações e não tomar ações, por que qual é esta mensagem? A mensagem é que um presidente de um dos países mais fortes do mundo, a sétima maior economia do mundo, está reconhecendo um genocídio e ainda assim continuando com as relações. Isso daria a seguinte mensagem para presidentes, para quaisquer outras entidades, ou grupos, ou Estados que consideram atacar ou violar direitos humanos ou até mesmo se envolver em genocídios: "Ah, ok, receberemos algumas declarações, nós teremos algumas tensões diplomáticas, mas é isso". Então, isso enviará um sinal muito preocupante.

Agora, por outro lado, quando o presidente brasileiro diz algo assim, isso encoraja outros Estados, outros governos, outros presidentes a dizerem coisas similares e também a agirem. Então, de certa forma, ainda é bom, porque isso é um primeiro passo. Definitivamente o primeiro passo é identificar a situação como ela é, e este é um dos maiores objetivos da nossa organização: é mover a narrativa de um "conflito", uma "questão complexa" para "esta é uma situação de colonização, é uma situação de genocídio". Porque uma vez que você tem o diagnóstico certo, esse é o único momento que você agirá assertivamente tendo o tratamento correto e próprio, caso contrário isso nunca acontecerá.

Nós estivemos sob anos de perda, seja

intencional ou não intencional, nós temos descrito a situação na Palestina de uma maneira que prejudicou o caminho a seguir, que prejudicou nosso processo e luta pela libertação, por causa [dos Acordos] de Oslo, por causa da narrativa da solução de dois Estados. Portanto, a narrativa, apesar do fato de isso talvez parecer uma questão rasa e superficial, ela é na verdade uma das questões centrais que deve ser tratada com extrema cautela, para que nós possamos realmente alcançar o dia da libertação da Palestina.

Então esse é o motivo pelo qual eu penso que quando o Lula diz que isso é um genocídio, é importante que reflitamos sobre isso e, "ok, você disse que é um genocídio, o que de fato é, deixemos ver quais são os próximos passos". A coisa boa, bem... coisa boa... eu não sei, é a decisão da CIJ e como é muito claro e é muito direto que a CIJ e os relatores especiais da ONU estão pedindo aos países que eles devem cumprir suas obrigações. Portanto, eles não estão recomendando que os estados parem de exportar armas, eles não estão *recomendando* que os Estados não apoiem a maquinaria bélica, a continuação do apoio político e armamentista a Israel, eles estão *exigindo* isso e, portanto, se esses países, incluindo o Brasil, não respeitarem, eles serão na verdade responsabilizados por serem cúmplices do genocídio. Portanto, esse é o quão grandes nós estamos hoje, no sentido de que não é mais uma

questão de "ah, você tem que mostrar respeito aos direitos humanos". Não. Você na verdade deve respeitar o Estado de Direito, e esse é um passo diferente que nunca tivemos antes.

Entrevistadora:

Isabela Agostinelli dos Santos

Transcritoras e tradutoras:

Beatriz Maria Lamarca Lupetti
Fernanda Frochtengarten

Notas

¹Esta pesquisa contou com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq, processo n. 465460/2014-3).

²Em 26 de janeiro de 2024, a Corte Internacional de Justiça determinou medidas provisórias para que o Estado de Israel parasse de cometer ações a fim de evitar "atos de genocídio" na Faixa de Gaza. Referência: ONU NEWS. Corte Internacional determina que Israel evite atos de genocídio em Gaza. **ONU News**, 26 jan. 2024. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2024/01/182683>. Acesso em: 06 out. 2024.

³Até 06 de outubro de 2024, foram registrados mais de 41,800 mil mortos e mais de 97 mil feridos pelos ataques israelenses na Faixa de Gaza. Referência: AL JAZEERA. Israel-Gaza war in maps and charts: Live tracker. **Al Jazeera**, 06 Oct. 2024. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/longform/2023/10/9/israel-hamas-war-in-maps-and-charts-live-tracker>. Acesso em: 06 out. 2024.

⁴Irã e Arábia Saudita retomam relações diplomáticas após hiato de 7 anos. **Folha SP**, 10 mar. 2023. Disponível em: <https://>

www1.folha.uol.com.br/mundo/2023/03/ira-e-arabia-saudita-retomam-relacoes-diplomaticas-apos-hiato-de-7-anos.shtml. Acesso em: 06 out. 2024.

⁵Movimento transnacional da sociedade civil e liderado por ativistas palestinos. Visa o fim do sistema de apartheid, da ocupação e da colonização israelenses na Palestina a partir de boicotes, desinvestimentos e sanções a entidades israelenses que se beneficiam deste sistema. Mais informações disponíveis em: <https://bdsmovement.net/pt/what-is-bds>. Acesso em: 06 out. 2024.

⁶VILELA, Pedro Rafael. Lula chama guerra em Gaza de genocídio e critica "hipocrisia". **Agência Brasil**, Brasília, 23 fev. 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2024-02/lula-chama-guerra-em-gaza-de-genocidio-e-critica-hipocrisia>. Acesso em: 06 out. 2024.